



ALGUNS SENTIDOS DA DANÇA CLÁSSICA PARA MULHERES ADULTAS: AVANÇO OU RETROCESSO?

Cássia Marques Cândido

Heloisa Suzano Almeida

Monique Ribeiro Assis

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o movimento de mulheres adultas em direção à prática do balé clássico. O ponto de partida deste trabalho se deu através do buscador Google, no qual foram inseridos os termos “balé adulto” em combinação com a palavra “blog”. Foram selecionados dois blogs escritos por professoras de balé que postavam e respondiam às questões de alunos e outros interessados nesse tipo de dança. O suporte teórico da pesquisa se deu à luz das imagens poéticas de Gaston Bachelard, e o método utilizado foi a análise do discurso, segundo a proposta de Eni Orlandi. Sonhos, desejos de infância, resgate do feminino foram os sentidos que emergiram.

PALAVRAS-CHAVE: balé; sonho; infância; feminino.

INTRODUÇÃO

O balé clássico é um estilo de dança de representação muito forte no imaginário do Ocidente e que permeia a imaginação das mulheres no que tange à feminilidade, ao singular e ao etéreo (AQUINO; SCHWARTZ, 2012, p. 19). No período romântico, sobretudo na primeira metade do século XIX¹, o balé trouxe à cena uma alma humana dilacerada entre sua condição de vida terrena e a transcendentalidade de suas aspirações, promovendo, de acordo com Assumpção (2003, p. 4), uma supervalorização da mulher como um ser inacessível, etéreo e único. Segundo Monteiro (1999, p. 147), foi nesse período que o balé passou a ser visto como uma arte autônoma. Portanto, sua afirmação como arte nesse contexto deixou traços significativos na maneira como se passou a encarar o balé desde então.

Conforme Coutinho (2009, p. 199), o Romantismo produziu consequências éticas e estéticas que permanecem até os dias atuais. A interioridade e a alteridade do “eu” foram umas dessas consequências. Este sentimento de individualidade gerou uma procura solitária do indivíduo pela satisfação do interesse próprio, integrada a uma ideia de autorrealização na qual precisa entender-se como um ser diferenciado, nascido para vencer, destinado a ter uma existência abundante, feliz, radiante e livre. Nesse período, segundo Homans (2010, p. 193), o

¹ Justificado pelos anos de estreia dos principais balés românticos: *La Sylphide* (1832) e *Giselle* (1841).



corpo e os gestos da bailarina possuíam uma discursividade que definia a mulher burguesa ideal, ou seja, aquela que aceitava uma vida subjugada e controlada, mas que no fundo ansiava por abandonar sua existência dócil, a favor de tempestades de paixão.

A condição dessa mulher romântica, estabelecida pela cultura do patriarcado como a de cuidadora do lar, da família e contemporizadora das relações sociais, na atualidade, parece ter sido invadida por um mercado viril que exigiu da mulher novos saberes e fazeres que extrapolam a dimensão do privado e se afastam dos preceitos do romantismo.

Para Vieira (2005, p. 237), a nova identidade da mulher se confronta com um mundo instável, fragmentado, no qual ela se depara com uma multiplicidade de escolhas e oportunidades. Este contexto da cultura própria da sociedade contemporânea provoca nela uma possibilidade de análise, de autoconhecimento e de uma nova concepção de destino, como algo aberto a ser preenchido pela interação de desejos e de liberdades da vida de cada um.

Em uma pesquisa com universitárias brasileiras, Maria Lúcia Coutinho (2004, p. 17) concluiu que as próprias mulheres veem como possível e desejável o fato de que elas devam ser múltiplas: profissionais competentes, cultas, inteligentes, boas donas de casa, mães zelosas, sem deixar de cuidar da aparência e investir na saúde. Se por um lado estão mais livres para fazer escolhas, por outro o mundo contemporâneo lhes impõe uma demanda enorme para que se sintam realizadas.

Desde o começo do século XXI, a busca por aulas de balé clássico por parte de mulheres adultas aumenta a cada ano. Trata-se de um fenômeno recente que vai de encontro ao papel da mulher na contemporaneidade. São mães, profissionais liberais, atrizes, enfim, mulheres que vivem na prática do balé clássico uma experiência caracterizada pela atemporalidade, pois, em geral, o aprendizado dessa técnica se inicia na infância ou adolescência com o intuito de treinar o corpo, seguindo um código de normas muito específico, que pode ter como objetivo a profissionalização, a socialização, ou a vivência corporal e artística (SANTOS, 2009, p. 17).

Para a compreensão desse fenômeno, diante da ausência de estudos científicos voltados ao tema, optou-se por iniciar as investigações da presente pesquisa em *sites* especializados de balé, com o intuito de se aproximar de algumas pistas de como estava sendo procurada ou vivenciada essa atividade nas redes sociais.



Verificou-se que existia uma grande quantidade de *blogs* especializados no assunto, nos quais eram postados vídeos e depoimentos sobre o balé clássico. Neles os leitores, homens e mulheres, interagiam comentando ou fazendo perguntas sobre algum artigo, espetáculo, filme, ou novidades do mundo da dança. Percebeu-se ali uma nova e rica fonte de informações a ser conhecida e estudada.

Este trabalho, portanto, se propõe a refletir sobre o movimento de mulheres adultas em direção à prática do balé clássico. O que as motivariam a procurar uma atividade física de tão refinada exigência técnica e que demanda vários anos de prática para que se possa dançá-la? Sem dúvida, poderiam fazer outras atividades menos elaboradas e ter resultados ótimos em seus corpos. Seriam estas mulheres levadas ao balé apenas pelos benefícios físicos e estéticos? Quais os sentidos da procura do balé como atividade física? Afinal, o que estão buscando estas mulheres?

MATERIAL E MÉTODO

O ponto de partida desta pesquisa se deu através do buscador *Google*, no qual foram inseridos os termos “balé adulto” em combinação com a palavra “blog”. Apenas os *blogs* que continham uma seção de comunicação entre os autores e os leitores foram selecionados. Adotou-se os seguintes critérios de inclusão: a) tratar exclusivamente de balé clássico; b) tratar de balé para adultos; c) tratar especificamente de praticantes não profissionais de balé; d) oferecer consultoria através do *blog*. Assim, excluíram-se os *blogs* que apresentavam um direcionamento exclusivamente comercial de produtos para o balé.

Ao final, foram selecionados dois *blogs*² escritos por professoras de balé que postavam e respondiam às questões de alunos e outros interessados nessa prática. Como recorte temporal, foi selecionado o período de um ano, compreendido entre junho de 2010 e junho de 2011. Desse período, foram destacados sete comentários feitos por mulheres com mais de dezoito anos, que manifestavam o desejo de praticar o balé ou que já eram praticantes. Esses depoimentos foram copiados para um editor de texto para posterior análise.

O suporte teórico da pesquisa se deu à luz das imagens poéticas de Gaston Bachelard, e o método utilizado foi a análise do discurso, como proposto pela linguista Eni Orlandi (2014, p. 17), a qual considera que a linguagem não é transparente e procura compreender como o texto significa, concebendo-o em sua discursividade.

² <https://balletadulto.wordpress.com/>; <http://ballet-adulto.blogspot.com.br>



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Escolher a dança como atividade pode se dar pelo desejo de modificar ou manter a forma física, como terapia, como profissão ou ainda para seduzir o ser amado (SANTOS, 2009, p. 65). Conforme a pesquisadora Silvana Goellner (2003, p. 132), a dança já era amplamente recomendada em uma antiga revista brasileira de Educação Física, sendo considerada como uma excelente atividade para as mulheres na primeira metade do século XX.

Contudo, após a seleção dos comentários, percebeu-se que a questão do trabalho físico e seus resultados sobre o corpo feminino pouco apareceu nas falas das leitoras. Tampouco observou-se comentários que indicassem a procura do balé com o desejo de seduzir ou com objetivos terapêuticos. O que se destacou eram palavras como sonho, realização e desejos de infância. Ao que parecia, ao escrever seus comentários, essas mulheres se permitiam fugir um pouco de suas realidades e sonhar. Tais palavras foram tomadas como pistas que poderiam indicar as razões da demanda de mulheres pelas aulas de balé.

Na busca da compreensão desse enfoque, “A poética do devaneio” do filósofo Gaston Bachelard foi tomada como condutor teórico da pesquisa. Este ensaio, que faz parte das obras ditas “noturnas” do autor, trata sobre o devaneio poético, no qual a arte e o imaginário são destacados. Para Bachelard (2009, p. 118), ao sonhar com a infância, regressamos à morada dos devaneios que nos abrem o mundo, permitindo resgatar as nossas mais caras lembranças: as primeiras lembranças.

Vejamos os sete depoimentos e suas análises:

“Olá estou emocionada com teu blog, eu sempre amei a dança só que tive de deixar esse sonho pra trás, hoje com 26 anos, mãe de duas filhas, e gordinha que sou, gostaria de saber se ainda é possível ingressar no ballet, algumas pessoas me disseram que o ideal seria ingressar em ballet contemporâneo para adultos é isso mesmo? Quero e preciso muito saber, pois como disse sempre fui gordinha (meu maior receio).” (Depoimento 1 – 26 jan. 2011)

Nesta fala, recheada de nostalgia, pode-se perceber a ansiedade da leitora e de como as palavras de estímulo da professora de balé que escreve o blog mobilizaram-na. Para Orlandi (2014, p. 15), com o estudo do discurso é possível observar o homem falando. A expressão “deixar esse sonho pra trás”, por exemplo, parece fazer essa mãe buscar em sua própria



infância imagens que talvez ela tenha esquecido. Provavelmente, não são imagens reais, mas sim esboços de desejos antigos não realizados. Tal como nas propostas de Bachelard (2009, p. 94), quando diz que existe uma permanência na alma humana, de um núcleo de infância, viva, oculta para os outros, disfarçada em história quando a contamos, mas que só tem um ser real nos seus instantes de sua existência poética. Para o autor, uma infância potencial habita em nós.

Logo depois, advertida por outros, a leitora pergunta temerosa sobre a possibilidade de praticar o balé – “gostaria de saber se ainda é possível ingressar no ballet” – e enfatiza o seu receio – “pois como disse, sempre fui gordinha”. Sua fala indica que ela sabe, e teme que, de alguma forma, mais uma vez seja impedida de realizar seu sonho. Orlandi (2014, p. 35-43) diz que, quando nascemos, os discursos já estão em processo e que estes se delineiam na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que estão alojados em nossas memórias.

Passemos ao segundo depoimento:

“Com quase 49 anos, está sendo muito gostoso voltar à ativa. Acordar com música e movimentos tendões mais curtos, articulações travadas e músculos meio molengos é revigorante! Minha alma sai solta a dançar pela sala enquanto meu corpo enferrujado corre atrás dela, esbaforido...”
(Depoimento 2 – 12 fev. 2011)

A leitora acima não diz textualmente que fez balé antes, mas sugere que, em algum momento da sua vida, passou por esta experiência. Segundo Orlandi (2014, p. 82), o dito traz consigo necessariamente o não-dito, mas que fica subentendido. Quando diz “está sendo muito gostoso voltar à ativa” é como se ela pudesse retornar a um momento, no qual estivesse liberta do mundo das reivindicações e dos projetos, ou seja, no mundo da imaginação. Bachelard (2009, p. 59) defende que o devaneio está sob o signo da *anima*³. Para o autor, a *anima* pertence ao devaneio, ao feminino e às imagens felizes. Já o *animus* pertence aos projetos, ao masculino e às preocupações.

No trecho “Minha alma sai solta a dançar pela sala enquanto meu corpo enferrujado corre atrás dela, esbaforido”, pode-se enxergar um jogo entre o real e o imaginário. Orlandi (2014, p. 36) denomina essa dicotomia de paráfrase e polissemia e diz que, quando essa oposição aparece no texto, os sujeitos e os sentidos se movimentam e se significam. Segundo

³ Bachelard se apropria dos conceitos de *Anima* e *Animus* de Carl Jung. Diz Bachelard (2009, p. 58): “Para evitar confusão com as realidades da psicologia superficial, C. G. Jung teve a feliz ideia de colocar o masculino e o feminino das profundezas sob o duplo signo de dois substantivos latinos: *animus* e *anima*.”



a autora, na paráfrase há sempre algo que se mantém, um discurso habitual: “meu corpo enferrujado”. Já na polissemia há o deslocamento, a ruptura, uma nova possibilidade: “minha alma sai solta a dançar”.

Outro exemplo:

“Olá, boa tarde!! Primeiramente gostaria de parabenizá-la pelo blog, pela seriedade e principalmente pelas palavras de estímulo que muito me ajudarão agora que decidi com 23 anos realizar um sonho de infância, não de ser profissional, mas apenas ser bailarina...” (Depoimento 3 – 19 jun. 2010)

Interessante notar nessa fala que a leitora utiliza o verbo realizar com a ideia de efetivar ou concretizar algo que, até então, já havia perdido suas esperanças, ou seja, retomar algo que fora deixado de lado. Apesar do medo de não atingir as expectativas – “não de ser profissional, mas apenas ser bailarina” –, manifesta seu desejo de ir em frente, de materializar sua fantasia e de reviver seus antigos e mais profundos desejos. Tal ideia remete a Bachelard (2009, p. 97), segundo o qual são nos devaneios poéticos que as imagens belas prevalecem, antecedendo as experiências. Para o autor, “Toda nossa infância está por ser reimaginada. Ao reimaginá-la, temos a possibilidade de reencontrá-la na própria vida dos nossos devaneios de criança solitária” (BACHELARD, 2009, p. 94).

Pode-se observar também que quando afirma sua decisão de praticar o balé e intui que não será mais uma profissional – “não de ser profissional” –, a leitora está sendo objetiva, concreta, mas, ao mesmo tempo, se permite fantasiar – “apenas ser bailarina”. Mais uma vez aparece a oposição entre o real e o imaginário, conforme proposto por Orlandi (2014, p. 74) que explica:

O que temos, em termos de real do discurso, é a descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a falta, o equívoco, a contradição, constitutivas tanto do sujeito como do sentido. De outro lado, a nível das representações, temos a unidade, a completude, a coerência, o claro e distinto, a não contradição, nas instâncias do imaginário. (ORLANDI, 2014, p. 74).

Em outro comentário:

“Olá, depois de ter feito bale [sic] na infância (dos 5 aos 11 anos) retorno agora aos 33 para tentar levar meu sonho de menina a realizar-se... ser bailarina...sei que vai ser difícil, já que não sou do tipo magrinha, longilínea (longe disso, tenho dois filhotes hehe) mas estou me esforçando...” (Depoimento 4 – 30 nov. 2010)

No depoimento acima, a leitora, tal como no primeiro comentário, sabe da dificuldade de ser bailarina, pois já passou pela experiência e traz consigo essa crença: “sei que vai ser



difícil, já que não sou do tipo magrinha, longilínea [...] mas estou me esforçando”. Essa fala, sugere um silêncio local, uma censura, algo que é proibido dizer em uma determinada conjuntura. Segundo Orlandi (2014, p. 83), é possível trabalhar o não-dito através dos silêncios. As relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre a censura. Pelo fato de já ter feito balé antes, sabe que é um mundo que recrimina corpos gordos e fora da estética vigente do meio e, conseqüentemente, procura ocultar o que poderia ser um empecilho na concretização do seu sonho. Sonho que mais uma vez surge como impulso, que remete a Bachelard ao sugerir que o impulso vem do devaneio, visto que a maior liberdade psicológica é a de sonhar. Para o filósofo, “uma infância potencial habita em nós. Quando vamos reencontrá-la em nossos devaneios, mais ainda que na sua realidade, nós a revivemos em suas possibilidades” (BACHELARD, 2014, p. 95).

Em outros dois depoimentos:

“Olá! Tenho 20 anos. Eu sempre tive o sonho em fazer ballet. E mais do que isso, eu tenho afinidade com música, movimentos. Tive aulas durante oito meses, aos 13 anos de idade, no entanto, só neste momento é que tenho condição financeira para ir em frente neste objetivo. O ballet clássico é algo que sempre almejei. Eu tinha um sonho de fazer solos e ser instrutora. Neste contexto, minhas perguntas são: É possível uma bailarina que iniciou aos 20 anos de idade atingir um nível de técnicas de uma bailarina profissional? Com muito esforço e dedicação, posso me tornar uma instrutora de ballet clássico?” (Depoimento 5 – 3 fev. 2011)

“Olá! Tenho 23 anos e sou apaixonada por dança! Sempre foi meu sonho ser bailarina clássica! Tenho uma postura que todos dizem ser de bailarina, por ser ereta e fina... Mas tenho receio de me dedicar à dança e não conseguir alcançar meu objetivo que é ser bailarina profissional. Estou disposta ao máximo esforço, você pensa que ainda há tempo? Obrigada!” (Depoimento 6 – 25 jun. 2011)

Nestes dois comentários a palavra “esforço” surgiu como um impulso para que as leitoras demonstrem que, mesmo sabendo de seus limites, estão imbuídas de motivação e se colocam à disposição para o trabalho árduo. Elas procuram afastar as possíveis frustrações exaltando qualidades que as possibilitem realizar seus desejos. Segundo Bachelard (2009, p. 16), quando um sonhador é realmente fiel aos seus sonhos, esses adquirem coerência graças aos seus valores poéticos.

Mais uma vez percebe-se o jogo entre a paráfrase e a polissemia. Essas duas forças trabalham continuamente o dizer, sendo que todo discurso se faz na tensão entre o mesmo e o diferente (ORLANDI, 2014, p. 36). Isso pode ser observado nas expressões: “afinidade com a música” e “boa postura”, nas quais as leitoras reconhecem suas qualidades. Entretanto, como



não são ingênuas ao ponto de acreditar que somente essas qualidades podem concretizar seus desejos de se tornarem profissionais do balé, expressam sua disponibilidade para o esforço: “Com muito esforço e dedicação, posso me tornar uma instrutora de ballet clássico?” e “Estou disposta ao máximo esforço, você pensa que ainda há tempo?”

Por fim, um último exemplo:

“Tenho 18 anos e meu maior sonho é fazer ballet, sempre acreditei no tal mito de ballet que tem que começar desde pequenina. Então como já tinha desistido deste meu sonho eu iria pagar as aulas pra minha sobrinha que tem apenas 2 anos. Mais [sic] agora que conheci o site e tirei algumas dúvidas, voltei a acreditar que poderia fazer ballet, mais [sic] ainda tenho a dúvida: Posso fazer aula de ballet mesmo não tendo nem uma experiência com dança, ou algo do tipo?” (Depoimento 7 – 16 jul. 2010)

Nesse comentário a leitora conta que já havia desistido de seu sonho, mas que, em contato com o *site*, alguma palavra ou imagem a despertou para os seus desejos mais íntimos e revela uma vivência primitiva realizada apenas no mundo imagético, deixando de lado qualquer ação concreta. Mostra também sua intenção em projetar na sobrinha os seus sonhos, pois não acreditava mais que o mundo da dança poderia ser para ela – “sempre acreditei no tal mito de ballet que tem que começar desde pequenina. Então como já tinha desistido deste meu sonho eu iria pagar para a minha sobrinha”. Interessante notar que essa projeção também está eivada de sacrifícios pessoais, pois implica no compromisso financeiro de longo prazo. Bachelard (2009, p. 96) indica que a adesão à beleza na infância é tão forte que, quando se permite devanear, transporta-se às mais caras lembranças e o mundo atual parece totalmente descolorido. Essa infância permite compreender e amar as crianças como seus iguais.

Existe, segundo Orlandi (2013, p. 31), um saber discursivo que torna possível todo o dizer. É o já-dito, a memória discursiva que fala antes. A leitora acreditava que o balé devia ser iniciado na infância e todo o texto remete a essa ideia primeira. A vontade de ter o sonho de ser bailarina realizado por uma criança como uma extensão de si própria aponta para uma solução de compromisso entre o desejo e sua possibilidade de se tornar realidade, mesmo que por empréstimo, deslocando para outra pessoa seus anseios mais profundos.

Em todos os comentários observou-se que as leitoras procuravam resgatar sonhos e desejos abandonados. Para a importante pensadora feminista do século XX, Simone de Beauvoir (1969, p. 384) o imaginário feminino esteve sempre às voltas com uma realidade mágica que, ao invés de raciocinar, sonhava. Porém, a autora reconhece que a arte foi o



caminho em que a mulher conseguiu sua afirmação, por estar, assim como ela, à margem do mundo.

O balé clássico ainda tem uma força artística e estética muito presente na sociedade contemporânea. Segundo Roberto Pereira (2006, p. 189), a imagem da bailarina de tutu clássico branco, girando com os braços sobre a cabeça, típicas das caixinhas de música, mostra o quanto que o balé e sua técnica tem uma grande simbologia em nossa cultura ocidental. Conforme Homans (2012, p. 167), essa bailarina esguia, etérea, vestida de tule branco e que se mantém na ponta dos pés, é a bailarina dos sonhos femininos e pesadelo das feministas.

Entretanto, essa nova mulher atual está longe de se parecer a protagonista frágil, apaixonada e delicada dos balés românticos. Toda pureza e imaterialidade da bailarina se perde no pragmatismo e na urgência de ações e decisões da mulher contemporânea. Hoje, ainda que as estatísticas possam demonstrar uma diferença de gênero no mundo do trabalho, é inegável a ampliação dos direitos da população feminina. As manifestações radicais dos anos 1960 foram substituídas por novos modos de organização social. De acordo com Araújo e Scalon (2006, p. 46), os modelos de conciliação entre trabalho pago e vida familiar se distanciaram do padrão “homem provedor” e “mulher cuidadora” e adquiriram novos arranjos no que concerne às conjugalidades contemporâneas.

Sem dúvida, em conformidade com as ideias a Simone de Beauvoir, poder-se-ia dizer que as mulheres lograram conquistar posições que ela tanto reclamava. Tais conquistas, de alguma forma, retiraram as mulheres de uma posição marginal e as libertaram do jugo masculino, inaugurando um caminho que as colocam em posições de grandes decisões no cenário político mundial. Parece que as mulheres aprenderam a raciocinar, e podem então se permitir sonhar/dançar/avançar, com os pés no chão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar a pesquisa, esperava-se que a questão do trabalho físico e seus resultados sobre o corpo feminino justificassem a procura pela prática do balé. Contudo, durante as análises discursivas aqui tratadas foi possível perceber que, apesar de algumas leitoras se apresentarem como antíteses da imagem da bailarina, em momento algum seus depoimentos demonstraram uma procura por exercícios visando um corpo bonito, em concordância com o comportamento tão em voga nos dias atuais. Ao contrário, algumas, apesar de reconhecerem



suas impossibilidades físicas, se disponibilizam para o trabalho demandado pelo balé. Em paralelo, o sonho, o imaginário, o devaneio, o feminino e os desejos de infância foram sentidos fortemente manifestados em seus discursos.

Interpretar é se infiltrar no espaço simbólico, onde ocorrem falhas e envolvem o sujeito e a sua história. De acordo com Orlandi (2013, p. 82), só uma parte do dizível é acessível ao sujeito; o analista poderá ouvir, no que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de “suas” palavras.

Voltando às perguntas iniciais, sobre o que estariam buscando essas mulheres, foi possível compreender que as leitoras buscavam resgatar vidas desejadas em suas infâncias, de meninas sonhadoras que foram um dia. Para Bachelard (2009, p. 94-95), o encontro da infância nos devaneios permite um retorno à criança interior em todas as suas possibilidades, pois esses devaneios não são de fuga, são devaneios de alçar voo.

No caso dos comentários aqui analisados, o balé parece ter assumido um papel libertador e de resgate. Apesar de o balé ser visto por algumas pessoas como uma atividade que aprisiona e enrijece, a possibilidade da prática do balé por adultas, pode permitir a essas mulheres construir pontes entre o imaginário e o real, singularizando-as e permitindo evocar desejos e fantasias que fora da arte seriam incoerentes.

Dreaming and ballet dancing: the several meanings of classical ballet dancing for adult women as seen from the analysis of blogs

ABSTRACT

This study aims at reflecting upon this movement towards ballet practice by adult women. For this purpose, the starting point of the research was the search engine Google, in which the following terms were typed: “balé adulto”, together with the word “blog”. From the results, two blogs were selected, both written by ballet teachers, who would post and answer questions regarding ballet dancing, not only for students, but also for anyone interested in dancing. The theoretical support for this research lies in the poetic imagery of Gaston Bachelard, and the methodology used was discourse analysis, as proposed by Eni Orlandi. Dreams, childhood wishes, female redemption were the meanings that emerged.

KEYWORDS: Ballet; Dream; Childhood; Female.

El sueño y el ballet: el significado de la danza clásica para las mujeres adultas a partir del análisis de blogs

RESUMEN



Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre el movimiento de las mujeres adultas hacia la práctica de la danza clásica. Con este fin, el punto de partida de esta investigación fue a través del motor de búsqueda Google, en el que se ha introducido los términos "balé adulto" en combinación con la palabra blog. Se seleccionaron dos blogs escritos por maestros que publicaban informaciones y contestaban las preguntas de los estudiantes y otras personas interesadas en la danza. El apoyo teórico a la investigación se le dio a la luz de las imágenes poéticas de Gaston Bachelard, y el método utilizado fue el análisis del discurso, según lo propuesto por Eni Orlandi. Los sueños, la infancia desea, la redención femenina fueron los significados que emergieron.

PALABRAS CLAVES: Ballet; Sueño; Infancia; Femenina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, S. G.; SCHWARTZ, R. M. A influência do ballet de repertório do século XIX no imaginário feminino. In: VII JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2011, São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Pesquisa:pibic/publicacoes:2011:pdf:jor:stela_gonc_alves.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2012.

ARAUJO, Clara; SCALON, Celi. Gênero e a distância entre a intenção e o gesto. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 21, n. 62, p. 45-68. Out. 2006.

ASSUMPCÃO, Andréa Christina Rufino. O balé clássico e a dança contemporânea na formação humana: caminhos para a emancipação. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 6, p. 1-19, 2003.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 2. ed. São Paulo: Difel, 1967.

BITENCOURT, Jossiane Boyen. O que são blogs? Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, *Oficinas virtuais de aprendizagem II*. Disponível em: file://localhost/<http://penta3.ufrgs.br/PEAD/Semana01:blogs_conceitos.pdf> Acesso em: 7 out. 2012.

BOURCIER, Paul. *História da dança no ocidente*. Tradução de Marina Apenzeller. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COUTINHO, M. L. R. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, p. 2-17, 2004.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: Imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Ijuí:Ed. Unijuí, 2003.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

HOMANS, Jennifer. *Os anjos de Apolo: uma história do ballet*. Tradução de Jaime Araújo. Lisboa: Edições70, 2012.

MONTEIRO, Mariana. Balé, tradição e ruptura. In: PEREIRA, Roberto; SOTER, Silvia. *Lições de dança 1*. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2006. p. 135-150.

ORLANDI, Eni. *Princípios e procedimentos: formação e circulação dos sentidos*. 11. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.

PEREIRA, Roberto. Gruas Vaidosas. In: PEREIRA, Roberto; SOTER, Silvia. *Lições de dança 1*. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2006. p. 173-190.

PRA, Jussara Reis; EPPING, Léa. Cidadania e feminismo no reconhecimento dos direitos humanos das mulheres. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 33-51. Abr. 2012.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, p. 2-17, 2004.

SANTOS, Tatiana Mielczarski. *Entre pedaços de algodão e bailarinas de porcelana: a performance artística do balé clássico como performance de gênero*. Porto Alegre, 2009. 95f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. *Delta*, Brasília, v. 21, n. spe, p. 207-238, 2005.